

A PRESENÇA DO MST E DA COCAMP NOS ASSENTAMENTOS SÃO BENTO E SANTA CLARA/CHE GUEVARA¹

Vanilde Ferreira de Souza²
Sonia M. P. P. Bergamasco³

Introdução

A agricultura familiar no Brasil apesar de ter ocupado um lugar secundário nas políticas agrícolas, persistiu e é atualmente um setor de grande importância social e econômica para o país, possuindo um papel de extrema relevância nos debates sobre a reforma agrária.

No Estado de São Paulo, apesar da agricultura altamente modernizada e industrializada, a agricultura familiar faz parte da paisagem rural e, muitas vezes, esse tipo de agricultura é representada pelos assentamentos rurais. Desta forma, esse Estado configura-se no cenário de programas de reforma agrária, uma vez que conta com 167 projetos de assentamentos rurais, acolhendo 10.049 famílias em uma área total de 220.411,82 ha, com uma área agrícola total de 163.620,57 ha (Fundação Itesp, dez. 2005).

A constituição destes assentamentos foi resultado das lutas e pressões dos trabalhadores rurais sem terra. Por meio das ações dos trabalhadores rurais, compreendemos as formas de resistência aos processos de expropriação, de expulsão e de exclusão. A extensão da luta pela terra é conhecida através das diversas manifestações cotidianas dos sem-terras, que vão desde o trabalho de base às ocupações de terra; dos acampamentos e dos protestos com ocupações de prédios públicos às intermináveis negociações com o governo; do assentamento à demanda por política agrícola, na formação da consciência de outros direitos básicos, como educação, saúde etc. Afinal, a transformação do

¹ Este trabalho faz parte da tese de doutorado da primeira autora intitulada: Acampar, assentar e organizar: relações sociais constitutivas de capital social em assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema.

² Profa. Dra. Universidade Estadual de Maringá – UEM. e-mail: vanilde@yahoo.com

³ Profa. Titular Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. e-mail: sonia@agr.unicamp.br

latifúndio em assentamento rural é a construção de um novo território, o qual requer condições adequadas para a sobrevivência das famílias, transformando-se em uma nova lógica de organização do espaço geográfico. Em vista disso, as políticas públicas para este setor não nascem apenas do interesse do Estado, mas, sobretudo, da organização desses trabalhadores rurais (FERNANDES, 2000).

As famílias assentadas possuem estratégias com as quais se organizam de maneira a permitir sua permanência na terra. Diante disso, essas famílias optam por participar de organizações como cooperativas, associações, ou mesmo unindo-se com parentes e/ou vizinhos mais próximos. A organização pressupõe confiança mútua e reciprocidade entre os atores envolvidos. A confiança é um dos valores que constituem o capital social, que por sua vez não é apenas um atributo cultural, passado de geração em geração; o capital social pode ser criado, por meio de fortes organizações que indiquem aos indivíduos alternativas às convenções ditadas pela sociedade. Também não é simplesmente um novo termo para falar da organização de trabalhadores; é, antes de tudo, o estabelecimento de relações entre pessoas e grupos sociais cujos interesses comuns nem sempre se evidenciam. Assim sendo, sua construção exige uma ação voluntária e coordenada (ABRAMOVAY, 1998).

O diagnóstico dos procedimentos das organizações e instituições deve partir da análise dos seus propósitos. Apesar de, numa determinada localidade, haver a ocorrência de diversas organizações cujas linhas de atuação possam ser diferentes, elas possuem um ponto em comum, qual seja, a promoção do interesse comum dos seus membros. Desta forma, os indivíduos se reúnem em um grupo com o objetivo de promoção do interesse coletivo.

Nesse sentido, foram identificadas diferentes formas de organizações e instituições nos assentamentos São Bento e Santa Clara/Che Guevara, localizados no Pontal do Paranapanema. Apresentamos aqui duas organizações que possuem uma importância muito grande para os assentados, são elas, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e a Cocamp (Cooperativa de Comercialização e Prestação de Serviços dos Assentados de Reforma Agrária do Pontal do Paranapanema).

A influência mais presente: o MST

As ocupações das Fazendas São Bento e Santa Clara ocorreram por meio da organização dos trabalhadores rurais sem-terra através do MST, sendo que este chegou à região do Pontal no início da década de 1990. Tal acontecimento foi observado nas lembranças das lideranças desses dois assentamentos, que ao narrarem suas histórias de vida apresentavam, com riqueza de detalhes, a chegada do Movimento nessa região.

“O Movimento vem pro Pontal em 90. Ele faz a primeira ocupação em 90, aqui já tinha a luta pela terra, já tinha uma movimentação, e o MST se instala, várias lideranças de outros cantos do país são remanejadas pra vim fazer esse trabalho no Pontal, essas pessoas forma então um corpo orgânico ao MST, elas começa a desenvolver um trabalho e lá no norte, no noroeste do Paraná eles encontram ainda muita gente com fortes raízes com a terra, apesar de já estar na cidade, e é o meu caso e o caso de uma enormidade de gente, que ele sai recém da, da roça, vão pra cidade, tão naquela fase de perca da identidade, ela ainda não tá totalmente perdida, ela ainda tá em processar essa, essa fase porque aquela fase que ele não se define como urbano, nem como rural e é a fase mais crítica né, a perca da identidade, isso é complicado a perca da identidade né.⁴

O tempo de acampamento é bastante significativo, uma vez que é durante esse período que ocorre uma maior participação dos indivíduos, pois todos possuem o mesmo objetivo, qual seja, o de conseguir a terra. Assim, participar do acampamento é decorrência de decisões adotadas a partir de desejos e de interesses, com a função de transformação da realidade (FERNANDES, 2000).

Na fase do acampamento algumas instituições e organizações se fazem presentes e de acordo com o grau de envolvimento elas serão consideradas pelos assentados significantes ou não no decorrer dessa fase. Assim, durante a fase de acampamento, tanto os assentados do assentamento São Bento, quanto os do assentamento Santa Clara/Che Guevara declararam que a organização de maior importância foi o MST, pois foi por meio das ações desse Movimento que houve pressão sobre o governo estadual para a desapropriação da área ocupada. O grau de confiança nesse Movimento social é bastante evidente nos dois assentamentos, chegando a 85% da amostra pesquisada no assentamento São Bento e 70% no assentamento Santa Clara/Che Guevara.

Um fato que chama a atenção era que na época de acampados os jornais regionais persistiam em dizer que os responsáveis pelas ocupações eram integrantes da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), ignorando o fato de que os sem-terra pudessem se organizar e formar um movimento autônomo. Claro que houve a participação dessas instituições durante o processo de constituição dos assentamentos do Pontal do Paranapanema. Entretanto, nesse momento, existia também uma outra organização atuando nesse processo e apenas mais tarde houve o reconhecimento da presença do Movimento Sem Terra no acampamento. A

⁴ História de Vida, Sr. Z.L.S., Assentamento São Bento, 2004.

aceitação da presença do MST está vinculada à figura de líderes e não do contingente de pessoas que formavam o Movimento. Nesse sentido, os jornais da época, negavam as práticas de pessoas comuns através de sua autonomia e organização (BORGES, 2004).

Um acampamento é a genuína cidade de barracos de lona, sendo um modo de luta amplamente difundida pelo MST combinando três objetivos, que são educar e manter mobilizada a base sem-terra; comover a opinião pública para a causa da luta pela terra e, por último, pressionar as autoridades responsáveis pela realização da Reforma Agrária. Mesmo acampados, os sem-terra praticam outras ações combinadas de luta, como audiências, atos públicos, caminhadas, breves acampamentos em locais públicos nas cidades. (CALDART, 2000).

“O Movimento é um grupo de pessoas que vão ter que coordenar as ações e as ações de mobilização pra, pra reivindicar. Na época do acampamento, nós tava acampado e o Movimento se articulava com a sociedade pra cobrar o assentamento das famílias, que aqui é uma região grande de áreas pública né.”⁵

A organização interna do acampamento ocorre, inicialmente, com a formação dos núcleos de base, terminologia herdada a partir das ações da CPT, os quais são compostos, normalmente, por dez a trinta famílias de acordo com o critério de proximidade delas, ou seja, seguindo o critério de procedência do mesmo município. Com a formação do grande acampamento União da Vitória, a organização da infraestrutura se deu a partir da composição de 48 grupos tendo cada um entre 30 a 100 famílias.

Entre os militantes do MST é comum ouvir o termo “organicidade”, que significa “*a relação que deve ter uma área de atuação do movimento com outras, isto porque um movimento social, nos moldes do MST, é muito complexo e sua construção atinge várias dimensões da vida humana*” (BOGO, 1999, p. 131). Assim, de acordo com a narração de um assentado, o acampamento funcionava através da seguinte lógica:

“Essa questão de grupo no, no acampamento, como tudo era novo, naquela época acampamento era uma questão nova, então existia uma, tinha que ter uma forma de organicidade, porque você imagina você ter aí acampamento, que nem igual tinha aqui de quinhentas, seiscentas, mil famílias, como é que você vai coordená isso né? Quem falava com quem? Tinha que dividi isso em setores, porque senão, se acontece alguém que tava doente lá,

⁵ Entrevista, Sr. D.A.R., Assentamento São Bento, 2005.

quem é que ia corrê atrás, ia ser todo mundo? Ah sei lá, segurança, vários setores que tinha, educação, quem é que ia mexer? Então criava esses setores simplesmente para facilitar o problema de trabalho. Na verdade você criava uma cidade, um acampamento criava uma cidade, você tinha que criá nesse acampamento uma estrutura de uma cidade, é como uma prefeitura, tinha que ser pensado como uma prefeitura, tem secretário disso, daquilo, daquilo, como é que o prefeito vai saber, o médico vai saber onde é que tá os problema? Vivia no acampamento, morava no acampamento, e vivia, então tinha que criar essa organicidade né, e isso era formado conforme a capacidade de cada um. Ah, eu conheço de ervas, então você vai cuidar de ervas e vai fazer tratamento com ervas, ah eu conheço um pouco de educação, então você vai gerenciar a educação.”⁶

Segundo Caldart (2000), nos núcleos são organizados os principais serviços, havendo uma divisão de tarefas, dessa forma são formados os vários setores dentro do acampamento para facilitar o dia a dia dos acampados, como: o setor de alimentação, educação, saúde, higiene, religião, produção, finanças, lazer. Em cada um desses setores há o seu respectivo coordenador e as equipes de trabalho, que são responsáveis pelas tarefas e se reúnem regularmente para avaliar e planejar as atividades. Nos acampamentos existe também uma coordenação geral, a qual tem a responsabilidade de dar unidade ao trabalho das diversas equipes, como encaminhar as lutas, negociar com o governo e se relacionar com a sociedade. O órgão máximo de decisão do acampamento é a assembléia geral das famílias acampadas, que costuma se reunir periodicamente. A organização do acampamento está ainda bastante presente nas lembranças dos assentados, como podemos observar através do relato de um deles.

“Funciona assim, por exemplo, primeiro, no começo tem uma coordenação que era geral né, depois cada grupo tinha um coordenador. O coordenador era, que nem eu era o coordenador, do grupo tinha o coordenador de, por exemplo de segurança, tinha o coordenador de saúde, tinha de limpeza, de trabalho, tinha de tudo. Cada parte tinha um coordenador, de educação, de religião. Eu era coordenador do grupo. Agora quem sempre que reunia mais era só o coordenador mais e o, os quatro coordenador que era da (coordenação), geral né. Aí discutia os problema, aí quando tinha um problema, por exemplo, assim na parte de segurança aí aquele coordenador de segurança ia e passava pras família de como que ia fazê. Todo, todo acampamento funciona assim, até

⁶ Entrevista, Sr. V. M.D., Assentamento Santa Clara/Che Guevara, 2005.

hoje. Então tem os coordenadores do grupo e nos grupo tem os coordenadores do tipo de serviço. E o coordenador geral, mais assim do acampamento, era quatro né, quatro, aí tinha os coordenador que era os outro, que era o, o, que era os militante, o geralzão né.”⁷

Quando o acampamento União da Vitória foi formado, devido ao grande número de acampados, a sua organização foi realmente pensada como sendo uma cidade, a chamada “cidade de lona preta”. Desta forma, nesse novo acampamento foi montada uma infra-estrutura que abrangia os vários setores do Movimento. Nesse sentido, esse grande acampamento contava com uma farmácia, duas escolas, uma secretaria, um tanque para abastecimento de água, um tanque para abastecimento de óleo diesel e uma oficina mecânica que funcionava dentro de uma pequena propriedade localizada ao lado do acampamento (FERNANDES, 1994).

A organização do Movimento é norteada por alguns princípios que são a democracia, a participação de todos os envolvidos no processo decisório, a divisão das tarefas e a direção coletiva. Assim, de forma geral o acampamento se sustenta através do trabalho dos acampados, da contribuição daqueles que já estão assentados, da solidariedade de pessoas e entidades e dos recursos obtidos junto ao governo.

Através de uma visão pedagógica, Caldart (2000) acredita que o acampamento pode ser visto como um espaço de socialização dos sem-terra, que passarão a viver durante um período significativo de suas vidas em uma coletividade, onde as regras e o funcionamento foram eles próprios que ajudaram a construir. O rompimento do isolamento, torna-se o primeiro passo para seguir o caminho de uma vida próxima dos outros por meio da coletividade. Assim, no acampamento o indivíduo passa daquilo que se chama de “ética do indivíduo” para uma “ética comunitária”.

“(…) um dos primeiros valores que se cultiva na situação de acampamento é a solidariedade⁸, exatamente o valor que fundamenta o valor da ética comunitária.” (CALDART, 2000, p.116)

Valores como a solidariedade procuram transformar o ser humano em autêntico agente da própria existência, conquistando uma nova identidade política, social, moral e de caráter (BOGO, 1999). A solidariedade, a confiança, o companheirismo, a reciprocidade, entre outros valores, não se perdem quando

⁷ Entrevista, Sr. J.M.S., Assentamento São Bento, 2005.

⁸ Grifo da autora.

essas pessoas passam da condição de acampados para assentados, pelo contrário, muitas vezes através do cotidiano tais valores são fortalecidos, pois o acampamento é a forma inicial de aproximação e socialização desses trabalhadores sem-terra, a qual se revelará mais forte no assentamento, já que a terra conquistada surge como base de nova socialização (FABRINI, 2002). Em vista disso, percebemos que o capital social vai se formando quando as pessoas ainda estão acampadas.

A cooperativa dos assentados – Cocamp

Como a participação política dos assentados está relacionada aos trabalhos desenvolvidos pelo Movimento, a cooperativa criada pelo MST para garantir a sustentação produtiva e política dos assentamentos do Pontal do Paranapanema foi a Cocamp - Cooperativa de Comercialização e Prestação de Serviços dos Assentados de Reforma Agrária do Pontal, fundada em 1998. Como o próprio nome sugere, esse tipo de cooperativa se dedica basicamente à comercialização (organização do processo de compra e venda de insumos, da produção de bens de consumo para os associados); além disso, há também o trabalho de assistência técnica, de organização da produção e da implantação de unidades de processamento (MST, 1997).

A Cocamp é uma cooperativa regional e por isso envolve, não apenas os assentamentos São Bento e Santa Clara/Che Guevara, como também os vários existentes na região do Pontal. Segundo dados fornecidos pela secretaria da cooperativa, na sua fundação ela contava com 200 associados, mas atualmente a Cocamp possui em seu quadro 2.471 associados.

No início de suas atividades a Cocamp apontava para uma perspectiva bastante impactante, pois com a construção de seu parque agroindustrial, abrangendo laticínio, despoldadora de frutas e farinheira, os assentados certamente viram nela uma oportunidade para a comercialização da sua produção, além da possibilidade de aquisição de insumos necessários ao processo produtivo. Porém, devido aos inúmeros problemas enfrentados por essa cooperativa, que vão desde a má gestão até a falta de recursos para completar seu parque agroindustrial, atualmente os associados pertencentes aos assentamentos São Bento e Santa Clara/Che Guevara acreditam que ela não está desempenhando um papel importante em suas vidas, sendo alvo de várias críticas.

“Eu sou fundador daquilo lá (Cocamp). A Cooperativa era pro povo né que era mais fácil, que nem pra fazê benefício, então fundaram a Cocamp né, mas só afundou mesmo né, cada dia tá afundando mais né. O que ela deu é pra afundá o nome da gente porque nós não tem mais chance de limpá o nome

mais né. O povo que nós tem lá dentro não é competente de fazê alguma coisa pra nós.”⁹

Muitas vezes, as críticas à Cocamp referem-se à sua administração. Para muitos assentados a diretoria da Cocamp pouco faz para resolver os problemas da Cooperativa. Por outro lado, caso a Cocamp consiga resolver seus problemas ela terá um papel extremamente relevante na vida dos assentados.

“Ela veio pra atendê às necessidades do assentado né que no geral de, de tudo, aqui pra nós se desse certo seria muito importante ter uma cooperativa que fosse nossa. Eu acho que tá tendo muita dificuldade né, pra trabalhá na cooperativa, até mesmo porque quando foi fundada tinha muita falta de experiência né, tudo, eu acho que tem muita dificuldade de trabalhá com o assentado. E hoje não tá sendo bom o serviço, é devido as dificuldade né, tudo. É importante pros assentado, isso aí é sem dúvida porque daí não existe é os atravessador né, se é alguma coisa que funciona que dá certinho tudo, aí não tem atravessador. A gente vai entregá nosso produto ali, também pode comprar, que nem veneno tudo, semente tudo que tiver ali, pra nós seria bom.”¹⁰

A importância que a Cocamp teria, caso estivesse em pleno funcionamento, vai além de atender as necessidades de comercialização e aquisição de insumos para os assentados. Essa cooperativa tendo sido criada por meio de uma estratégia de fortalecimento do MST na região possui também um papel significativo para o desenvolvimento da região. Isso pode ser registrado na fala de um de seus técnicos, que atualmente trabalha para a Cooperativa Central dos Assentados (CCA):

“Ela tem importância estratégica pra região? Tem, mas se, só vai ter isso e ela só vai funcionar mesmo, só vai dar certo se tiver política pública pra isso. Se o governo ver a reforma agrária como uma política pública, como essas indústrias podem gerar tanto emprego né, no campo, como na cidade, né que pode gerar, porque vai gerar, por exemplo a Cocamp, ela funcionando, ela gerava diretamente uns cento e cinquenta empregos, só ali em Teodoro Sampaio. (...) Então pra uma região pobre como essa, tem importância muito grande.”¹¹

Apesar do MST estimular as mais variadas formas de associativismo

⁹ História de Vida, Sr. A.P.S., Assentamento Santa Clara/Che Guevara, 2004.

¹⁰ Entrevista, Sra. N.A.M., Assentamento São Bento, 2005.

¹¹ Entrevista, Sr. J.X.A., técnico da Cocamp, 2005.

nos assentamentos, para o Movimento as cooperativas ainda são a principal forma de organização econômica, social e política, pois considera que cooperação é o mesmo que cooperativa, ou se estabelece por meio dela (CONCRAB, 1999). O estímulo proporcionado pelo MST para a filiação dos assentados à Cocamp fez com que a quase totalidade dos assentados da São Bento e Santa Clara/Che Guevara tornassem associados da cooperativa.

De acordo com dados fornecidos pela Cocamp, percebemos que a grande maioria dos assentados é associada a essa cooperativa. Quando essa cooperativa foi fundada houve realmente uma mobilização, tanto por parte do MST, quanto pelos assentados, para que esses trabalhassem de forma organizada através da Cocamp. Com o passar do tempo, os assentados foram adquirindo alguns benefícios por meio dessa cooperativa, como financiamentos para a compra de tratores, para investimentos na produção, entre outros. Devido a frustrações nas safras, liberação tardia dos créditos, muitos assentados não conseguiram liquidar suas dívidas. Assim, a permanência desses associados junto à cooperativa pode estar relacionada a esse fato, ou seja, estando eles inadimplentes não poderiam se dissociar da Cocamp.¹²

“Ó investimento de abacaxi foi pra assentado, custeio de mandioca foi pra assentado, investimento de maracujá foi pra assentado, o custeio de milho foi pra assentado, o custeio de algodão pra assentado, dívida de farinheira pra Cocamp, dívida de três caminhão, da Cocamp, aquisição de micro-usina de leite, Cocamp, construção de vinte e cinco tanque de piscicultura, Cocamp, conjunto de irrigação, assentado, porque a Cocamp repassou pros assentado, dois caminhões é da Cocamp, investimento de café, assentado, complexo agroindustrial, Cocamp. Cinquenta tratores, que foram cinco milhões duzentos e noventa mil é dos assentados, foram tudo repassados pros assentados, e eles renegociaram a dívida, é foi vencido, renegociaram o ano passado (2004), daqui a três anos é que vence a primeira parcela, aí cada parcela eles têm um rebate pra pagar.”¹³

Por outro lado, apesar da alta taxa de inadimplência, esses mesmos assentados podem também ter permanecido associados por acreditarem que essa cooperativa tem a possibilidade de se reerguer assim que completar as

¹² A Cocamp possui, se contado todo o financiamento adquirido pelos assentados, mais o seu próprio financiamento que engloba a construção do parque industrial, aquisição de caminhões e tanques de piscicultura, uma dívida de mais de quinze milhões de reais. Contudo, separando a dívida dos assentados da dívida da Cocamp com o Governo Federal, essa última deve a quantia de R\$ 5.565.863,47. Essa dívida seria paga com o funcionamento do complexo agroindustrial, porém isso não foi possível e ela está sendo renegociada com o Governo Federal (Informações cedidas pelo Sr. J.X.A., técnico da Cocamp).

¹³ Entrevista, Sr. J.X.A., técnico da Cocamp, 2005.

obras para o término de seu parque agroindustrial e colocar em prática todos os seus objetivos iniciais.

“O que eu espero da Cocamp é que um dia ela beneficie esse trabalhador. Que um dia o trabalhador tenha onde ponhá a sua mercadoria e ela tenha aquela responsabilidade pra podê conduzir essa mercadoria do sitio pra dentro da Cocamp. É isso que eu espero dela ainda.”¹⁴

Observa-se que no tempo presente existem muitas dificuldades das cooperativas, na esfera do mercado, para garantir sua sobrevivência, tanto aquelas tradicionais, como as de resistência, que, muitas vezes não contam com o apoio do poder público (Estado) diferentemente do que ocorre com outros empreendimentos capitalistas privados (FABRINI, 2002).

“Esse sistema no momento em que as cooperativas estão em crise as tradicionais, aquelas grandes cooperativas, imagina as nossas, que não tem nenhuma política, ou melhor do que isso, nenhuma vontade política de fazer políticas públicas pra essas cooperativas nossas, mas tem coisas boas que foi extraído desse processo.”¹⁵

Desta forma, a Cocamp não é uma exceção dentro do sistema capitalista, porém, a questão da organização dos assentamentos do Pontal do Paranapanema está sendo repensada pelo Movimento, que se antes acreditava que uma grande cooperativa seria a forma mais adequada para o desenvolvimento dos assentamentos, nos dias atuais parece que esse pensamento não é mais o predominante.

“E hoje, o que é que a CCA tá fazendo? O próprio Movimento, a Cocamp, eles reavaliaram isso. Eles acreditam hoje, eles acreditam que erraram estrategicamente né, poderiam ter feito pequenas unidades, poderiam ter trabalhado essa questão das associações né menores, ter trabalhado os grupos coletivos menores entendeu, pra poder chegar numa coisa maior, eles têm essa avaliação. É tanto que hoje eles incentivam a formação de outras cooperativas, de outras associações, de núcleos organizados, ou seja registrado, ou seja oficial, ou parcerias, então que se organize coletivamente, eles têm essa avaliação. (...) Não importa se seja uma associação, não importa se seja uma cooperativa, não importa se seja um núcleo não oficial, núcleos dentro dos assentamentos. O que importa é que eles sejam mobilizados coletivamente.”¹⁶

¹⁴ Entrevista, Sr. N.M.A., Assentamento Santa Clara/Che Guevara, 2005.

¹⁵ História de Vida, Sr. Z.L.S., Assentamento São Bento, 2004.

¹⁶ Entrevista, Sr. J.X.A., técnico da Cocamp, 2005.

É claro que muitas vezes o desejo do Movimento se contrapõe com o dos assentados, pois alguns deles não gostariam de trabalhar com associação ou cooperativa, isto significa que muitas vezes o sonho do trabalho coletivo é mais da militância do que dos próprios assentados, pois estes têm o sonho de trabalhar com a família, na sua terra e nela retirarem o seu sustento (BORGES, 2004). Tal fato poderia nos indicar a não presença de capital social, entretanto, por outro lado, os assentados também acreditam que sozinhos dificilmente conseguirão alcançar determinados objetivos e dessa forma seguem para o caminho do associativismo, do cooperativismo ou ambos, como pode ser demonstrado através da fala de um dos assentados.

“No início foi feito assim que, que seria melhor né. Foi falado que seria melhor a gente tá numa cooperativa pra vim uma via de financiamento melhor né, porque individual é mais difícil sair o financiamento né, então o povo montá uma associação, uma cooperativa é mais fácil conseguir o crédito, é mais fácil né.”¹⁷

Essa união, se num primeiro momento foi realizada por um estímulo econômico, com o passar do tempo pode desencadear um processo mais voltado para questões sociais, possibilitando um maior envolvimento das pessoas, o que conseqüentemente irá fortalecer os laços entre elas. Tais laços são fortalecidos quando é registrada a presença de alguns valores como amizade, confiança, reciprocidade. Tais valores constituem o que denominamos de capital social, nesse sentido a Cocamp possui um papel muito importante para fortalecer esses sentimentos.

Considerações Finais

Observamos que nos assentamentos existe um processo de formação do capital social, processo este construído a partir das relações estabelecidas entre os assentados quando estes ainda estavam na fase de acampamento. Assim, essas pessoas quando acampadas, através de valores como a reciprocidade, a confiança, a solidariedade, foram formando suas redes de relações e à medida que essas redes se fortaleciam tais valores solidificavam-se. No momento em que passaram a ser assentadas e a conviverem próximas umas das outras, ou seja, à medida que o grupo do acampamento é perpetuado no assentamento, essas pessoas, já portadoras de elementos que constituem o capital social (como confiança, solidariedade, reciprocidade, ajuda mútua) têm a oportunidade de potencializar tais elementos nas práticas do dia a dia.

¹⁷ Entrevista, Sra. M.C.S., Assentamento São Bento, 2005.

A associação dos assentados junto à Cocamp é massiva, porém a participação ativa dos mesmos em suas atividades é ainda pouco significativa. Apesar disso, caso essa cooperativa supere os obstáculos presentes, principalmente no que diz respeito ao funcionamento de seu parque agroindustrial, os assentados voltariam a crer na sua atuação junto a eles. Tal fato nos aponta para a permanência de elementos que formam o capital social, como a confiança, uma vez que a maioria dos assentados tem o conhecimento das dificuldades por ela enfrentadas.

Acreditamos que nos assentamentos pesquisados existe uma formação do capital social. O fortalecimento desse tipo de capital ocorrerá a partir da promoção dos elementos que o constituem ocorrendo, sobretudo, por meio das relações sociais estabelecidas entre os atores envolvidos.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. Capital social: cinco proposições sobre o desenvolvimento rural. In: **II Fórum CONTAG de Cooperação Técnica “A formação de capital social para o desenvolvimento local sustentável”**. São Luis, 1998, 16 p.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

BORGES, Maria Celma. **De pobres da terra ao movimento sem terra: práticas e representações camponesas no Pontal do Paranapanema-SP**. 2004. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Assis. 459 f.

CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CONFEDERAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE REFORMA AGRÁRIA DO BRASIL - CONCRAB. **Evolução da concepção de cooperação agrícola do MST (1989-1999)**. São Paulo, 1999.

FABRINI, João Edmilson. O projeto do MST de desenvolvimento territorial dos assentamentos e campesinato. In: **Terra Livre**. n. 19, ano 18, p. 75-94, São Paulo, jul/dez, 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Espacialização e territorialização da luta pela terra:** a formação do MST no estado de São Paulo. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. A questão agrária no limiar do século XXI. In: 15º Encontro Nacional de Geografia Agrária. Goiânia, 02 a 05 de dezembro de 2000 **Anais...**, CD-Rom.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS “JOSÉ GOMES DA SILVA” DO ESTADO DE SÃO PAULO. Lista de Comunidades Atendidas. Dezembro, 2005.

MST. Sistema cooperativista dos assentados. **Caderno de cooperação agrícola**, n. 5. São Paulo, 1997.